

VIENEN POR MÍ

CLAUDIA RODRIGUEZ

(2018)

Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

VIENEN POR MÍ *

Dia 10 de março de 2021 – 20h
Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

FICHA TÉCNICA

Dramaturgia: Claudia Rodriguez (Chile)
Direção: Janaina Leite
Tradução: Carol Vidotti e Malú Bazán
Elenco: Fábria Mirassos
Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio
Assessoria de Imprensa: Pombo Correio
Assistente de Produção: Melina Marchetti
Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota
Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br
labirinto.contato@gmail.com
[@coletivo.labirinto](https://www.instagram.com/coletivo.labirinto)



*O título original do texto foi mantido por uma decisão conjunta entre tradutoras e autora no intuito de preservar a abrangência política desta frase.

PRIMEIRO ATO

Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?

Há anos venho lutando para poder ocupar esse palco e se estou aqui hoje é porque paguei com minha vida.

A vida das travestis é feita para resolver problemas de quem tem tudo para ser feliz.

A pior droga é aquela que você mesma se dá, desde a infância, por isso eu não perdoo.

Dizem que eu sou maníaca, obsessiva, disfórica, hipocondríaca, porque sou profundamente sensível e triste e não perdoo. Sinto muito, por favor me perdoe, mas eu não perdoo nada.

Vienen por mí.

Uma boa receita de sushi requer o uso de um tipo especial de arroz a venda em qualquer supermercado, grão curto, branco, suave, com alto teor de amido, que dá uma consistência extremamente pegajosa ao delicioso petisco. Arroz de uma variedade japonesa, arbóreo ou carnaroli italianos, o mesmo usado para fazer risoto. Uma vez cozido, seu grão é brilhante e tem uma agradável textura, firme e saborosa.

Mas definitivamente, para as travestis pobres, qualquer arroz serve, qualquer vinagre, e até mesmo qualquer queijo, ainda que na China não se misture arroz com queijo. Mas pensar nisso agora é um desperdício, uma perda de tempo, e eu deveria pedir perdão às deusas do arroz e do queijo por chamá-las sem nenhuma possibilidade de pagar para que elas venham até minha mesa. Nesse instante é mais importante me manter viva do que bem alimentada, porque é possível sobreviver faminta, desnutrida, infeliz e seca.

Tenho medo de ser irresponsavelmente provocativa. Tenho medo que minhas amigas não me amem, saber que me amaram e deixaram de me amar. Eu me depilo e me maquio porque gosto que me chamem de querida. Quando fico triste, danço sozinha e me drogo porque as coisas são como são. Danço bêbada e sozinha. Os homens me oferecem pó e me beijam porque me odeiam. Chego em casa quando amanhece, e adormeço chupada por homens desconhecidos, penetrada por homens que não vão

querer voltar a me ver, que durante dias se esforçarão em me esquecer e mentirão sobre o desejo que tem por mim às suas mulheres.

Daniel Zamudio Vera tinha 24 anos, morreu assassinado no dia 27 de março, depois de agonizar por 24 dias no hospital. Perdeu a vida depois de ser brutalmente espancado no Parque San Borja de Santiago, no dia 3 de março de 2012. Segundo investigações da promotoria, o motivo da agressão foi o fato dele ser homossexual. O relatório científico detalha as características do ataque; recebeu um total de nove feridas cortantes, além de cinco queimaduras por cigarros, duas contusões e uma fratura na perna direita, quatro cortes em forma de suástica: dois na parte frontal, um no peito e outro no abdômen, e dois nas costas. Os golpes não foram apenas com socos e chutes, mencionou-se uso de paus e pedras para quebrar suas pernas.

Um tratamento cruel, desumano e degradante foi infligido por horas até culminar com um golpe direto no crânio.

Silêncio!

Quanto embargo, quanta desonra, quanta traição, quanta incriminação, quanto confisco, quanta invasão, quanta privação, quanto ódio, quanta depredação, quanto eletrochoque?

SEGUNDO ATO

Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?

Não me interessa estar em um palco para não dizer nada.

Por que você se maquia? Por que se maquia assim? Por que você se maquia tão mal? Por que não se maquia direito? Por que não se maquia melhor? Por que usa tanta maquiagem? Por que não usa menos maquiagem? Por que usa tantas cores? Por que não usa menos cores? Por que não usa cores mais suaves? Adoro sua maquiagem, é muito colorida. É impactante sua maquiagem. Como você se maquia bem. Adoro sua maquiagem, parece que nem está maquiada. Você não precisa se maquiar. Você é bonita sem maquiagem. Se maquiou? Parece que te falta maquiagem. Por que não se maquia? Como te faz falta um pouquinho de maquiagem. Um pouco de brilho. Te vejo muito natural. Como fica estranha sem maquiagem. Sem maquiagem fica com cara de doente. Toma, te empresto meu batom para que você coloque um pouco de cor.

É perigoso não ser parecida, semelhante, similar, na mesma medida, alinhada com uma mulher.

Querer dar a impressão de não usar tanta maquiagem para apagar a barba, como se a gente nunca tivesse tido barba, como se nunca tivesse corrido livremente por nossa corrente sanguínea uma molécula de testosterona.

Como se tivéssemos nascido sem testículos e nunca tivéssemos ejaculado.

Como se nunca tivéssemos nos masturbado, como se não tivéssemos ardido de desejo de penetrar, como se nunca tivéssemos ejaculado, nem arreventado o freio de tanta punheta.

Como se nunca tivéssemos sido esquentadas, nem egoístas, nem mal-intencionadas, como se sempre tivéssemos sido travestis mariconas boas e crentes.

Como se sempre rezássemos.

Como se nunca tivesse nos pesado uma grama ser quem somos.

Como se não existisse possibilidade nenhuma de sermos monstruosas e desejáveis.

A única coisa que importa é a mentira. A mentira nos faz felizes, não importa que eu te peça agora, espertinho, antes que você se sinta todo-poderoso e me faça desaparecer, antes que comece a falar de mim como os políticos. Como posso explicar para você vomitar com calma? Fui concebida para ser vendida e comprada. Aqui nada se perde. Me toca primeiro antes de me beijar, eu não poderia existir sem a existência do seu ódio, sinta minhas asperezas, minhas cicatrizes, os tumores, o câncer, toda minha aids. Antes que eu te sirva como alimento. Me escuta, fui feita para o tráfico de órgãos.

A vida das travestis foi feita para resolver a vida daqueles que tem tudo para viver bem. Eu posso dizer com certeza, em algum momento te fará falta minha carne. Me toca bem

ali onde te causa horror que a vida goteje. Me toca aqui onde te dá asco. Você vai se surpreender com minha suavidade. Eu não poderia existir sem a necessidade de carne do seu ódio, a verdade não importa, não serve para nada. É por isso que eles conspiram e acumulam água. Minha água. Por isso, coloque todo seu horror para fora, me drogue, me faça tragar seu veneno como se você fosse superior. O saqueador das minhas águas. Você tem uma hora paga para me dizer suas tristes frases de amor, porque só a mentira importa, mas antes você terá que tocar meus volumes de silicone, as manchas, o fedor da minha aids. Antes que os policiais cheguem, antes de me morder e me chupar, me toque onde os pelos não deixam ver nada, aqui por onde sai o cheiro dos restos do que comi. Me toque onde se diz que é impossível merecer. Não importa mais se não sabemos como a Bachelet foi conivente com os Estados Unidos e ficamos sem país. Antes de tudo, toque nas minhas escaras, me toque onde a sujeira me faz mal, onde a desesperança cria crostas imundas e piolhos e te dá nojo, raiva e ódio me tocar.

Diana Sacayán, a ativista travesti defensora dos direitos humanos, foi cruelmente assassinada em sua própria casa, foi algemada, amordaçada, atacada de várias maneiras e mortalmente ferida com uma arma branca.

Em 14 de outubro de 2015, às 7 da manhã, ocorreu sua autópsia de número 14806, um corpo medindo 1,72 metros e 95 quilos com 27 feridas, 13 delas com arma branca, e duas fatais. É descrito que os espancamentos deixaram a vítima indefesa. Com o rosto machucado e inchado, feridas na cabeça, rosto, peito, braços, costas, tronco, nádegas. "Multiplicidade prejudicial", disse o legista.

Categorizaram as lesões em três tipos: escoriativas, por golpes ou colisões com objetos duros, por amarras e por arma branca, elementos de pontas e arestas. Outras marcas e ferimentos no corpo mostram que a vítima fez movimentos para tentar se proteger do ataque. "Todas os golpes foram desferidos em vida." Dois ferimentos profundos causaram hemorragia interna e foram perpetrados com faca que deveria ter uma lâmina de 12 a 15 centímetros. " Teve uma sobrevida de 10 minutos após essas lesões". A crueldade, ferocidade e multiplicidade de ferimentos indicam que ela sofreu tortura.

Silêncio!

Quanto embargo, quanta desonra, quanta traição, quanta incriminação, quanto confisco, quanta invasão, quanta privação, quanto ódio, quanta depredação, quanto eletrochoque?

TERCEIRO ATO

Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?

Houve momentos em que me senti a rainha do mundo, e agora estou aqui, ruminando minha dor.

Dizem que eu não sei falar, e falam por mim contra mim, porque segundo eles, é culpa minha ser tonta como sou, mas estão mentindo, é a forma deles distorcida de ver o mundo que me afunda, que me humilha, que me deixa doente e fraca.

Mentem quando falam do povo, da fome e do frio, negando que existam as travestis.

Quando falam, sempre falam em seu favor, em benefício próprio.

Eles nunca perdem, eles sempre recuperam. Mentem quando nem imaginam que uma travesti como eu, ressentida, se lembre e repita: Dizem que eu não sei falar, e falam por mim contra mim, porque segundo eles, é culpa minha ser tonta como sou, mas estão mentindo, é a forma deles distorcida de ver o mundo que me afunda, que me humilha, que me deixa doente e fraca.

Mentem quando falam do povo, da fome e do frio, negando que existam as travestis.

Quando falam sempre falam em seu favor, em benefício próprio.

Eles nunca perdem, eles sempre recuperam. Mentem quando nem imaginam que uma travesti como eu, ressentida, se lembre e repita: Dizem que eu não sei falar, e falam por mim contra mim, porque segundo eles, é culpa minha ser tonta como sou, mas estão mentindo, é a forma deles distorcida de ver o mundo que me afunda, que me humilha, que me deixa doente e fraca.

Mentem quando falam do povo, da fome e do frio, negando que existam as travestis.

Quando falam sempre falam em seu favor, em benefício próprio.

Eles nunca perdem, eles sempre recuperam. Mentem quando nem imaginam que uma travesti como eu, ressentida, se lembre e repita...

A filosofia de que determinado tipo de alimentação adoce e mata é mentira, conheço gerações de travestis pobres que comeram merda a vida inteira e não ficam doente por nada, enquanto tem gente que come flores e morre de câncer. Não é nada além de uma estratégia comercial, seguir tomando ou deixar de tomar coca-cola. Qualquer uma das alternativas sempre será uma droga. As drogas mais perigosas são as que te negam.

Senhoras e senhores, respeitados corruptos, terroristas de terno e gravata, criminosos, assassinos todos crentes, insisto que não joguem fora a água onde cozinham as batatas, porque é essa água que deve ser usada para fazer o leite do purê. Me preocupa que o alimento alimente. Que a água não contenha chumbo, e que sempre, imprescindivelmente, o ferro coexista em equilíbrio com as potências do mar e das

alturas. Minha minuciosa angústia é controlar ao máximo os efeitos colaterais, mesmo que eu não tenha todos os antecedentes, me preocupa os efeitos que minha preferência pelo purê poderia causar na conservação das geleiras. Estou mais preocupada com o gelo ártico do que com a brancura dos meus lençóis. Não apenas porque sim, me preocupa aprender cozinhar covardemente as beterrabas.

Nicole foi sequestrada e espancada até a morte. O que começou como um caso que comoveu por seus detalhes sórdidos, com o tempo caiu no esquecimento. Nicole foi vista pela última vez no sábado 18 de junho em Quillota*, depois de sair de uma festa na casa de uns amigos. Ficou até às 7 da manhã esperando o ônibus em um ponto em La Cruz.

No sábado 18 de junho, a jovem desapareceu. Uma semana depois, no sábado 25 de junho, Nicole foi encontrada na Represa Los Aromos de Limache, em um lote rural, “amarrada pelas extremidades superiores, e com todos os seus pertences e dinheiro no lugar”. O dono do terreno viu seu corpo de longe, e num primeiro momento achou se tratar de um monte de roupas jogado entre os espinhos. Tinha todos os seus pertences, as mãos amarradas com fita adesiva, golpes no crânio, no rosto e outras escoriações. Os sinais eram claros: foi assassinada por ser lésbica. E foi torturada.

Silêncio!

Quanto embargo, quanta desonra, quanta traição, quanta incriminação, quanto confisco, quanta invasão, quanta privação, quanto ódio, quanta depredação, quanto eletrochoque?

**NDT: Quillota é uma província no Chile.*

QUARTO ATO

Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?

Tudo o que eu disser, pode ser usado contra mim.

Nasci menino e me prepararam para ser violento, agressivo e cruel, convivi com a experiência de devolver cada porrada a quem fosse. Essa é uma experiência real impossível de omitir aqui. Duvidem de mim se eu negar ou ocultar que é um privilégio ser assim parte desse mundo. Sei falar como os homens, falo tão forte que minha voz golpeia a mesa para que todo o mundo me escute. Minha voz não deixou de usufruir dos privilégios masculinos e isso me faz inconfundivelmente travesti, com a capacidade de ser tão violenta, patriarcal, machista e misógina como um homem.

Por ser marica, todos disseram que ninguém poderia me amar, mas como uma surda, como uma travesti estúpida incapaz de ler o mundo, me fiz de bonita, e aqui estou, faminta. Aprendi a copiar a maquiagem das belas mulheres da burguesia para esconder minha fome e minha necessidade de amor. Às nascidas pobres, como eu, não se pode amar gratuitamente. Os meninos maricas e pobres, como eu, nascemos para ser devorados pela engrenagem impune do machismo sedento de sangue que não reconhece que é sangue. Que nem mesmo esse sangue sabe que sangra. Que sangra e cicatriza. Assim aprendi a me fazer de bonita, engolindo sangue, me alimentando do sangue dos homens que me deixaram esvaindo em sangue, só porque talvez algo eu estivesse aprendendo com eles, algo que eles davam por certo, que não se pode ser uma travesti pobre, mas ressentida. Sangue, cicatriz e memória.

Aprendi a me alimentar por generosidade, porque se eu sobreviver, mais e mais travestis loucas e monstruosas sobreviverão. Vocês não sabem o terror que se sente ao ver o ódio podre nos olhos dos homens que nos procuram para ter sexo, sexo que é impossível que seja sexo, porque é vingança, o jogo de colocar as mãos no pescoço e se deixar amassar, usar, estrangular, por uns míseros trocados, o jogo de sufocar para se reconciliar desesperadamente com seus fracassos, por suas rolas deformadas que não penetram, nem acariciam, nem esfregam, com suas picas insignificantes, secas, com ereções esfarrapadas, glândulas inflamadas e prepúcios negros, incapazes de ejacular, acreditando que nos pagam com a sua incapacidade de sentir, porque nunca conseguiram se sentir homens, por causa daquela masculinidade furada e desconectada, que nunca teve nome, porque nunca penetraram, acariciaram, ou roçaram com seus paus, porque os paus devem ser sempre grandes e duros e, e o fato de terem nascido assim truncados, os obriga a se vingar a todo custo através de nós.

Todos disseram que ninguém poderia me amar, mas como uma surda, como uma tonta incapaz de ler o mundo, me fiz de bonita e aprendi a me apegar a homens que nunca imaginaram uma travesti como eu, homens que nunca deixaram de ser homens por fazer justiça com as próprias mãos, por matar mulheres e meninos pobres, homens que se dizem homens porque acumularam riquezas fraudando, explorando, oprimindo e

destruindo a vida de outros homens. A homens que aproveitaram o desaparecimento de famílias para mantê-las caladas. A homens que usam uniformes para torturar e matar outros homens que matariam pela mesma coisa. Aprendi a me fazer de bonita e a me agarrar a esses homens, aos filhos desses homens e aos seus netos, e aos netos dos netos, que nunca imaginaram a existência de uma travesti ressentida como eu. Eu me agarro a esses homens que, quando me olham com ódio, me desejam para me fazer sangrar, e não sabem que estou aqui esperando-os, para misturar o meu sangue com o deles sem que eles saibam, porque sou uma travesti e tudo o que um homem me faz, eu posso fazer com eles e ainda melhor.

Virão atrás de mim esperando que eu seja sua arma.

Virão atrás de mim os colaboradores da justiça a todo custo, caia quem cair, protegendo-se em primeiro lugar.

Virão atrás de mim aqueles que não querem sujar as mãos virão e esperam que eu suje as minhas por eles.

Virão atrás de mim aqueles que não querem ser responsabilizados e passarão a culpa para mim ou para qualquer um de vocês.

Virão atrás de mim aqueles que não quiserem assumir o comando de seus próprios desejos, nem de sua voz monstruosa... mas eu os estarei esperando aqui, com todo o meu amor travesti.